DOI 10.20504/opus2019c2516

Os efeitos da musicalização para o desenvolvimento musical em bebês de zero a dois anos

Fabiana de Freitas Angulo Vilarinho
José Jarbas Ruas
(Universidade Federal do Tocantins, Tocantinópolis-TO)

Resumo: O presente artigo investiga os efeitos provocados pela música em bebês de zero a dois anos e as possibilidades para o seu desenvolvimento físico, social e afetivo. Realizamos estudo bibliográfico apoiando-nos em Delalande, Gordon, Beyer, Ilari, dentre outros autores. Conceituamos bebê, música e musicalização numa perspectiva baseada no estágio sensório-motor, segundo Jean Piaget. Discorremos sobre a Teoria do Desenvolvimento Musical e a estimulação musical. Delineamos aspectos relevantes das práticas e estimulações musicais, suas prováveis causas e efeitos, salientando a influência da música no desenvolvimento infantil e o vital papel familiar e escolar nesse processo.

Palavras-chave: Bebês. Música. Desenvolvimento musical.

The Effects of Musicalization for Musical Development in Babies from Zero to Two Years

Abstract: The present article investigates the effects of music on babies from zero to two years and the possibilities of their physical, social and affective development. We conducted a bibliographic study based on Delalande, Gordon, Beyer, Ilari, among other authors. We conceptualize baby, music and musicalization within a perspective based on Jean Piaget's sensorimotor stage of development. We discuss the Theory of Musical Development and musical stimulation. We outline relevant aspects of musical practices and stimuli, their probable causes and effects, emphasizing the influence of music on child development and the vital roles of family and school in this process.

Keywords: Babies; music; musical development.

VILARINHO, Fabiana de Freitas Angulo; RUAS, José Jarbas. Os efeitos da musicalização para o desenvolvimento musical em bebês de zero a dois anos. *Opus*, v. 25, n. 3, p. 357-382, set./dez. 2019.
http://dx.doi.org/10.20504/opus2019c2516

Submetido em 27/08/2019, aprovado em 06/10/2019.

A música ao longo da história da humanidade aparece presente, inspirando os núcleos sociais humanos através dos mais variados significados culturais, possuindo evidente papel nas dinâmicas sociais, com reflexos econômicos, políticos e religiosos. Importante forma de expressão dos diferentes povos, ela perpassa o cotidiano familiar e passa a integrar a vida das pessoas de maneira expressiva e constante. O bebê, por sua vez, está imerso nesse universo cultural e, mesmo ainda no ventre de sua mãe, toma contato com o mundo através da percepção da combinação entre sons e silêncios, criando suas primeiras experiências e memórias.

O presente artigo visa realizar uma revisão bibliográfica em torno de estudos que demonstram as possibilidades de contribuição da música para o desenvolvimento da criança. Outrossim, delimita-se o assunto na faixa etária de zero a dois anos, compreendidos aqui como "bebês"; ou seja, aqueles que ainda não se comunicam verbalmente, portanto, dependentes da interpretação do adulto para serem compreendidos. O objetivo fundamental deste artigo é evidenciar, a partir desta compilação, as questões teórico-metodológicas que apontam para a importância da música durante o desenvolvimento infantil, bem como ressaltar os efeitos que a mesma é capaz de proporcionar ao bebê, no estágio sensório-motor, visto que se trata de um período extremamente fértil para a estimulação musical. Este texto, portanto, traz ao leitor um panorama sobre o tema ao abordar o processo de musicalização para o desenvolvimento em bebês, o que também implica refletir sobre os sistemas educativos/educacionais. Atualmente, a escola passou a ocupar significativo espaço de tempo nos anos iniciais da vida dos bebês, visto que cada vez mais cedo estão nela ingressando. Como será exposto mais adiante, através da perspectiva de alguns autores contemplados por essa revisão, esse estágio é essencialmente importante, pois constitui a base do aprendizado musical, influenciando o desenvolvimento musical posterior.

Dessa forma, buscamos compilar textos encontrados a partir de livros, periódicos, artigos científicos, dissertações, teses e comunicações acerca do tema. Destacamos a importância deste panorama bibliográfico[1] enquanto método, visto que a literatura especializada sobre o tema encontra-se dispersa, havendo a necessidade de uma visão mais clara acerca do nosso objeto de pesquisa. Para tanto, apontamos os dados colhidos por nosso levantamento feito a partir do catálogo de teses e dissertações da Capes com busca cruzada entre os termos "música" e "bebês". A seguir destacamos os trabalhos que apresentam em seus títulos a temática da musicalização e sua contribuição voltada ao desenvolvimento do bebê (Quadro 1). Delimitamos a cronologia da busca entre os anos 2000 e 2019, como forma de analisar o que foi pesquisado e estudado dentro do século XXI nos programas de pós-graduação brasileiros sobre o tema. Sendo assim, nos foi possível contabilizar 18 trabalhos, sendo 12 (doze) dissertações e 6 (seis) teses, produzidas entre os anos de 2001 e 2018.

[1] "A principal vantagem da pesquisa bibliográfica reside no fato de permitir ao investigador a cobertura de uma gama de fenômenos muito mais ampla do que aquela que poderia pesquisar diretamente. Essa vantagem torna-se particularmente importante quando o problema de pesquisa requer dados muito dispersos pelo espaço" (GIL, 2010: 30).

Título	Autor	Local	Nível	Ano	Programa
Preferência por um trecho musical alterado de acordo com alguns parâmetros da fala dirigida a bebês em crianças de quatro a quinze meses de idade	VALENTIM, Mônica Geraldi*	USP	M	2001	Psicologia
Impacto de um programa de ensino para cuidadoras em creche: música como condição facilitadora de condutas humanas ao lidar com bebês	DAREZZO, Margareth	UFSCAR	M	2004	Educação
A música na educação infantil: o movimento dos bebês em ambiente musical	SOARES, Cintia Vieira da Silva	UFG	M	2007	Educação
Compartilhando um ambiente musical: processos educativos e relações afetivas entre pais e crianças de 8 a 24 meses	RANIRO, Juliane	UFSCAR	M	2008	Educação
A construção do conhecimento musical no bebê: um olhar a partir das suas relações interpessoais	STIFFT, Kelly	UFRGS	D	2008	Educação
A Abordagem PONTES na musicalização para crianças entre 0 e 2 anos de idade	BROOCK, Angelita Maria Vander*	UFBA	M	2009	Música
O desenvolvimento cognitivo-musical de dois bebês entre 3 e 18 meses de idade: um estudo de caso	FOLONI, Taís Helena Palhares*	UFBA	D	2010	Música
Bebês produzem música? O brincar-musical de bebês em berçário	CORREA, Aruna Noal	UFRGS	D	2013	Educação
O bebê e a música: sobre a percepção e a estruturação do estímulo musical, do pré-natal ao segundo ano de vida pós-natal	JABER, Maíra dos Santos	UFRJ	M	2013	Música
As características musicais da comunicação entre adulto e bebê e suas implicações no desenvolvimento cognitivo musical da criança no primeiro ano de vida	SANTOS, Marcy de Lima	UFMG	M	2013	Música
As relações entre a afetividade e o desenvolvimento cognitivo-musical nos dois primeiros anos de vida	RODRIGUES JUNIOR, André José	UFMG	M	2015	Música
Música no berçário: formação de professores e a teoria da aprendizagem musical de Edwin Gordon	MARIANO, Fabiana Leite Rabello	USP	D	2015	Educação

Quadro 1: Teses e dissertações sobre Música e Bebê. Fonte: Pesquisa dos autores (2019)[2].

[2] Os títulos sinalizados por asterisco neste quadro não se encontram disponíveis on-line para leitura ou *download* no repositório de suas respectivas instituições. Para a análise desses trabalhos tivemos acesso apenas ao resumo disponibilizado pela ficha bibliográfica disponibilizada no *site* das bibliotecas das respectivas instituições.

Título	Autor	Local	Nível	Ano	Programa
"O essencial é invisível aos olhos": análise de oficinas de musicalização enquanto possibilitadoras do desenvolvimento para bebês de 0 (zero) a 2 (dois) anos em situação de acolhimento	MIÃO, Cícero Rodarte	UFSJ	M	2016	Psicologia
Batuca bebê: a educação do gesto musical	AMORIM, Carla Patrícia Carvalho de	UnB	M	2017	Educação
Infâncias musicais: o desenvolvimento da musicalidade dos bebês	MARTINEZ, Andreia Pereira de Araújo	UnB	D	2017	Educação
Possíveis contribuições da musicalização infantil para bebês a crianças atendidas em programas de intervenção precoce	MELO, Cecília Paulozzi de	UNICAMP	M	2017	Música
A prática percussiva de bebês: análise microgenética e reflexões pedagógicas	PECKER, Paula Cavagni	UFPR	D	2017	Música
Conexões entre o comportamento dos pais nas aulas de música e o desenvolvimento musical dos bebês nos dois primeiros anos de vida	SILVA, Dalila Mayara Caetano Werneck*	UFMG	M	2018	Música

Quadro 1 (cont.): Teses e dissertações sobre Música e Bebê. Fonte: Pesquisa dos autores (2019).

Observa-se que o aporte teórico destes trabalhos foi pautado em conceitos que envolvem teorias que se alinham à Psicologia, à Educação e à educação musical. Destacamos inicialmente as teorias de François Delalande[3] e de Edwin E. Gordon[4]; a teoria de Piaget[5] sobre a construção do conhecimento no bebê; os estudos de Esther Beyer[6] e Beatriz Ilari[7], nas temáticas da estimulação musical, desenvolvimento musical e musicalização para bebês.

[3] François Delalande (1941): compositor, educador e pesquisador francês. É responsável pelo Groupe des recherches musicalis (GRM). Conduz pesquisas no âmbito da análise da música eletroacústica e seus desdobramentos teóricos; aparência e desenvolvimento da conduta musical em crianças, implicações antropológicas e pedagógicas. Defende que a relação do bebê com o objeto sonoro propiciará o desenvolvimento musical do bebê.

[4] Edwin E. Gordon (1927-2015) foi professor e pesquisador norte-americano voltado ao estudo das aptidões musicais e da cognição musical (audiação). Desenvolveu a teoria do desenvolvimento musical ressaltando a importância do papel da música no processo de formação integral do ser humano. Defende que a aprendizagem musical do bebê deve ocorrer de maneira análoga ao aprendizado da língua materna. A comparação entre essas linguagens permeia seus estudos.

[5] Jean Piaget (1896-1980) foi um renomado psicólogo e filósofo suíço conhecido por seu trabalho no campo da inteligência infantil, seu processo de raciocínio e desenvolvimento das habilidades cognitivas, tendo impacto sobre os campos da Psicologia e da Pedagogia.

[6] Esther Beyer (1962-2010) foi professora do Departamento de Música do Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Desenvolveu pesquisas no âmbito da psicologia da música através da perspectiva da aprendizagem musical, educação infantil, conhecimento e desenvolvimento musical em estudos com bebês. Entendia que a musicalização de bebês deveria ser realizada a partir de experiências sonoro-musicais aprazíveis, envolvendo momentos de intimidade e aconchego entre o bebê e o adulto.

Delalande (1995, 1999) e Gordon (2000, 2008) realizaram importantes estudos acerca do desenvolvimento musical da criança, tendo como ponto em comum a análise de como as crianças aprendem música. Para ambos, há uma potencialidade musical inata ao bebê, podendo esta ser estimulada a partir da ampliação da percepção de estímulos auditivos.

Beyer (1988, 2001, 2003) e Ilari (2002, 2003, 2006) apontam para a importância da presença de um adulto interativo com o bebê e reconhecem que o seu desenvolvimento cognitivo-musical ocorre a partir dos estímulos que lhe são ofertados. As autoras defendem a relevância da musicalização infantil para o amadurecimento da criança.

Desse modo, estruturamos este texto a partir da seguinte perspectiva: o conceito de bebê na literatura científica; a concepção de música e musicalização; a teoria de desenvolvimento caracterizada na perspectiva do estágio sensório-motor em Jean Piaget e a Teoria do Desenvolvimento Musical em bebês, a fim de descrever os efeitos da musicalização em bebês para a estimulação e desenvolvimento musical.

Conceito de bebê

O bebê é um ser muito expressivo e atento, capaz de interpretar o mundo à sua volta, percebendo e analisando seus interlocutores, imitando-os e provocando-os de modo a buscar interação, pois constrói seu saber por meio de processos complexos de intersubjetividade. De acordo com Trevarthen[8] (2019: 15), o bebê é "uma criatura inventiva, criador de sentidos e de interação com os outros – através de gestos, de expressões faciais, às vezes pela voz, mesmo se ele ainda não fala a língua" –, que atua como nosso professor, poeta e músico, nos ensinando sobre seus gostos, desejos, necessidades e interesses. Segundo o autor, os bebês possuem uma inesperada capacidade de escuta, demonstrando interesse pela voz humana, dispondo ainda de um surpreendente poder discriminativo, visto que percebem mínimas diferenças entre sons musicais e formas melódicas, especialmente quando proferidos pela voz da mãe. Ressalta o autor que a voz, por ser a primeira performance musical concebida pela espécie humana, deve tornar-se no decorrer do desenvolvimento o seu primeiro instrumento musical.

O bebê é um ser social que interage com o meio que o cerca desde o nascimento. Aos pais, responsáveis e/ou cuidadores cabe a missão de inseri-los em seu contexto social, atuando como "professores competentes da língua materna, e como mediadores das influências culturais" (CARNEIRO; PARIZZI, 2011: 90). Essa atuação, inconsciente e intuitiva, de estabelecer relações com os bebês é fundamental para que os mesmos desenvolvam suas capacidades de comunicação. Tal comportamento é denominado como "parentalidade intuitiva" e pode ser definido como "uma habilidade geral e intuitiva dos adultos para proteger, alimentar, estimular e ensinar as

[7] Beatriz Ilari é professora de educação musical na University of Southern California. Desenvolve pesquisas no âmbito da psicologia musical, com ênfase na cognição e aprendizagem. Defende que o período da infância é o mais favorável para o desenvolvimento cerebral, ressaltando que os bebês possuem atenção diferenciada a alguns tipos de sons ou música.

[8] Colwyn Trevarthen é professor emérito de psicologia da infância e psicobiologia da University Edinburgh, atuando pelo Departamento de Psicologia. Desenvolve pesquisa e atividades sobre os seguintes temas: psicobiologia e ciência cerebral do desenvolvimento do movimento expressivo; intersubjetividade humana e aprendizagem cultural; comunicação de experiência e emoção desde a infância; cronobiologia e "musicalidade" da ação humana e aplicações no desenvolvimento, educação, terapia e arte.

características da cultura a seus bebês" (SHIFRES[9], 2007: 13, tradução nossa[10]). A maneira como o adulto altera sua forma de falar quando se dirige ao bebê é exemplo dessa predisposição inconsciente. Essa típica maneira de comunicação, conhecida como "manhês", é constituída por "tons mais agudos, tempos mais lentos e pronúncia mais curta", com o objetivo de "engajar a atenção, comunicar afeto e facilitar a aquisição da linguagem" (STAHLSCHMIDT[11], 2002: 102).

O bebê, durante os primeiros meses de vida, interage por meio de comunicações intersubjetivas, fundamentalmente afetivas. Segundo Trevarthen (2004, 2019), o bebê é capaz de desenvolver trocas expressivas de "protoconversação" com seus pais e cuidadores, onde ambos fazem uso de um "alfabeto pré-linguístico", que é constituído por nítidas características musicais, utilizadas tanto na fala dirigida ao bebê como no som vocal por ele produzido. "Essa atuação facilita e colabora para o desenvolvimento das primeiras competências musicais da criança" (PAPOUSEK[12], 1996 *apud* CARNEIRO; PARIZZI, 2011: 91). Partindo desse contexto, Malloch[13] (1999/2000: 48, tradução nossa[14]) conceitua que a "musicalidade comunicativa é a arte da comunicação humana amigável", que consiste em habilidades inatas, presentes desde o nascimento, onde bebês e adultos "se movem simpaticamente" como parceiros em um diálogo musical. O movimento gestual, vocal e emocional é o que permite a musicalidade comunicativa e seus elementos: pulso, qualidade e narrativa são as ferramentas pelas quais a emoção é transmitida de um para o outro. A musicalidade comunicativa, incentivada e nutrida pela parentalidade intuitiva, constitui a base da comunicação humana, promovendo assim o desenvolvimento musical e intersocial do bebê, onde seus sentimentos e emoções possam ser compartilhados, antes mesmo da linguagem verbal.

Beyer (2001) conceitua que os bebês são protagonistas no universo musical, pois produzem conhecimento e cultura. Ressalta a vital importância dos dois primeiros anos de vida na formação dos seus processos cognitivo-musicais. Para a autora, o bebê não é uma substância amorfa ao nascer, visto que possui capacidade de visão e audição, com reações e preferências, estando "prontos para aprender muito mais do que em geral costumamos pensar" (KLAUS;

[9] Favio Shifres é professor titular das cátedras de educação auditiva, educação musical comparada e desenvolvimento de projetos em Música pela Facultad de Bellas Artes da Universidad Nacional de La Plata. É professor de pós-graduação em FLACSO e UBA. Ministra cursos nas carreiras de pós-graduação em UPTC (Colômbia), UNR, UNLP, ISA (Cuba).

[10] Original: "[…] parentalidad intuitiva, una habilidad general e intuitiva de los adultos para proteger, alimentar, estimular y enseñar los rasgos de la cultura a sus infantes" (SHIFRES, 2007: 13).

[11] Ana Paula Stahlschmidt é doutora em Educação pela UFRGS. Docente do curso de Graduação em Psicologia da Faculdade São Francisco de Assis (Unifin). Tem experiência nas áreas de Psicologia, psicanálise, Educação e Música, atuando principalmente nos seguintes temas: clínica, formação de profissionais das áreas de educação, ciências da saúde e assistência social, psicanálise e bebês, música e bebês, psicanálise e música, clínica com crianças e saúde pública.

[12] Mechthild Papousek é uma especialista alemã em psiquiatria e neurologia, psicóloga do desenvolvimento e terapeuta de pais e filhos. Dirige o Instituto de Pesquisa Social e Medicina do Adolescente da Universidade Ludwig – Maximilians – Munique e o Centro de Pesquisa e Aconselhamento para o Desenvolvimento e a Comunicação Precoce. Com o marido pediatra Hanus Papousek, explorou a relação entre pais e filhos, em particular a comunicação na primeira fase da vida.

[13] Stephen Malloch é doutor em Música e Psicoacústica pela University of Edinburgh. Seus interesses de pesquisa concentram-se na "musicalidade comunicativa" das interações humanas, em como modelamos o tempo interpessoal de maneira expressiva e comunicativa, usando as narrativas gestuais intencionais da voz e do corpo. Sua pesquisa começou na comunicação entre pais e filhos, passando a investigar as qualidades e a eficácia da musicoterapia, especialmente em bebês hospitalizados. Também se concentra na musicalidade das conversas entre psicoterapeuta e paciente como expressões de si.

[14] "Communicative musicality is the art of human companionable comunication" (MALLOCH, 1999/2000: 48).

KLAUS, 1989 *apud* BEYER, 2001: 617). Soares[15] (2007), partindo dos estudos de Klaus e Klaus[16] (1989), aduz que a capacidade auditiva dos bebês alcança sua maturidade por volta do sexto mês de gestação. É nesse período que os bebês passam a perceber e reagir aos sons externos, intensificando dessa maneira seu universo sonoro. Ao nascer, preferem vozes mais agudas e femininas, distinguem variados sons e diferenças de altura e intensidade, bem como movimentam a cabeça procurando o som ouvido com o olhar.

Segundo Ilari (2002), os bebês são ouvintes sofisticados e competentes desde a mais tenra idade, mesmo antes de chegarem ao mundo. Quando nascem, dispõem de inúmeras habilidades musicais, que podem sofrer modificações ao longo do seu desenvolvimento, devido à aculturação e à exposição musical. Para a autora, os bebês percebem o mundo da música de forma atenta e possuem capacidades potentes de construção dos seus conhecimentos musicais, podendo refletir em aprendizagens posteriores. Ilari menciona, ainda, que "[…] os bebês estão atentos à música que escutam bem mais do que todos nós julgávamos ser possível. Em outras palavras: os bebês também entendem de música" (ILARI, 2002: 88).

De acordo com Correa[17] (2013), os bebês são ativos, curiosos e perspicazes, exploram musicalmente o ambiente que os cerca, protagonizando seu próprio processo de aprender, sendo capazes de produzir "conhecimento, cultura, sons e, por que não, música" (CORREA, 2013: 45). Para a autora, a construção do conhecimento sonoro-musical realizado pelo bebê advém de um brincar voltado à interação, exploração e experimentação cotidiana de diversos materiais que estão ao seu alcance. Estas interações constantes com os sons, de maneira lúdica e interessada, são denominadas como brincar-musical. Segundo a autora, "**Brincar** porque se faz sem a intenção e a preocupação fundamental com a técnica e **musical** porque são ações permeadas por sons intencionais, das crianças com elas mesmas e delas com o que lhes proporcionam o ambiente, o outro, os objetos, a criatividade, os professores" (CORREA, 2013: 21, grifos da autora).

Segundo Pecker[18] (2017: 41), "é possível que o bebê, desde a segunda metade do primeiro ano de vida, já entenda o objeto físico como um objeto produtor de som e passe a brincar com essa característica, tentando reproduzir variadas vezes o som e explorando mais a fundo as possibilidades sonoras do objeto". Para a autora, a experiência musical é multifacetada, e o bebê é capaz de vivenciá-la junto a seus pais ou cuidadores de maneira subjetiva, mesmo sem saber dos

[15] Cíntia Soares possui Graduação em Bacharelado em Música pela Universidade Federal de Goiás (1992) e Mestrado em Educação pela Universidade Federal de Goiás (2007). Atualmente é proprietária da Escola Música & Bebê Ltda, atuando como diretora e professora de musicalização de bebês.

[16] Renomado especialista em partos e recém-nascidos, Marshall H. Klaus foi neonatologista e pesquisador internacionalmente conhecido, que estudou os efeitos do vínculo materno após o nascimento. Phyllis Klaus é psicopterapeuta, assistente social, consultora nacional e internacional e especialista no período perinatal. Autores e coautores de diversas obras e fundadores da Dona International.

[17] Aruna Correa é doutora em Educação e professora na Universidade Federal de Santa Maria. Possui experiência na área interdisciplinar de Educação e Ensino, com ênfase na formação de professores e pesquisas na área de educação infantil, atuando principalmente nos seguintes temas: educação, ensino/prática educativa, pequena infância, educação musical para a pequena infância, desenvolvimento infantil e música de bebês, formação de professores para a unidocência e formação de professores para a educação profissional e tecnológica.

[18] Paula Pecker é doutora em Educação. Desenvolve pesquisa em torno do desenvolvimento musical infantil. Iniciou seu trabalho em parceria com a Professora Dra. Esther Beyer. É coautora do livro *Expressão Musical na Educação Infantil* (2013). Suas pesquisas atuais versam sobre a construção do conhecimento musical do bebê sob o viés da psicologia da educação e à luz da teoria piagetiana.

benefícios que a música lhe proporcionará a longo prazo. Pecker ressalta ainda que o valor das experiências subjetivas e emocionais entre o bebê, o cuidador e a música é tão importante quanto a própria aquisição musical do bebê.

Sabe-se que, na fase intrauterina, por estar imerso num ambiente repleto de sensações e sentidos táteis, o feto vivencia diversas experiências sensitivas e motoras. Ao nascer, por meio das interações familiares, o bebê incorpora aos poucos as práticas culturais, bem como a música nela inserida e, através do seu próprio corpo, vai se adaptando a esse novo ambiente. Segundo Martinez[19] (2017: 290), os bebês são seres de possibilidades que "se desenvolvem em meio à cultura, constituindo-se indivíduos sociais ao vivenciar e internalizar as atividades culturais e realizar novas elaborações de seu comportamento humano". Esse meio cultural é repleto de sonoridades que influenciam de maneira direta o desenvolvimento da sua musicalidade. É o contato com o outro que permite ao bebê observar, perceber e compreender o ambiente sonoro-musical no qual está inserido, propiciando-lhe vivências e experiências musicais. Para a autora, é necessário compreender que toda atividade humana sonoro-musical contribui nesse processo, enfatizando que "o comportamento musical tem início na filogênese, mas é sob a ação da cultura que ocorre o desenvolvimento da musicalidade humana" (MARTINEZ, 2017: 290).

Neste sentido, Amorim[20] nos convida a refletir que "o bebê não é só biológico, psicológico, neurológico, motor, mas também histórico e cultural" (2017: 28), uma vez que ele é capaz de perceber o mundo através dos seus sentidos. Para a autora, toda expressão musical é corporal, e o gesto musical constitui-se como elemento fundante para o desenvolvimento da musicalidade do bebê. Nesta perspectiva, Amorim considera que o corpo é uma fonte de experimentação, criação e fruição musical. Logo, uma educação musical é possível partindo dos gestos musicais dos bebês, ao dispormos da música corporal como atividade-guia, onde "cada gesto, cada ato, cada vocalização, cada expressão do bebê precisa ser encarada como a gênese de um gesto musical" (AMORIM, 2017: 138).

Considerando essa condição sensória durante o processo cognitivo, recai-nos a condição de ressaltarmos a importância do envolvimento e a influência das interações entre adulto-criança ou mãe-bebê no desenvolvimento musical do bebê. Beyer destaca

> […] que os processos cognitivos só podem acontecer quando passam pela questão afetiva. Qualquer aprendizagem musical nos bebês e nas crianças vai passar necessariamente pela relação entre a música e o adulto que com ela convive – pais, babás, avós ou professores –, sendo esta relação observada atentamente e percebida pelas crianças que ainda se encontram em um momento de comunicação não verbal (BEYER, 2003: 96).

Cumpre destacar que, segundo Ilari (2006), os afetos durante as experiências musicais auxiliam "[…] não apenas na modulação do comportamento e do humor do bebê, mas também

[19] Andreia Martinez é doutora em Educação. Professora da Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal (SEEDF), atuando como diretora na Diretoria de Educação Infantil (DIINF/SEEDF). Integra o Grupo de Estudos e Pesquisas em Práticas Educativas (GEPPE), registrado no CNPq. Tem experiência no campo da Educação, discutindo música, arte, práticas educativas, teorias da educação, didática, currículo, com ênfase nos seguintes temas: bebês, crianças, infâncias, educação infantil, arte na infância, educação musical na infância, tendo a perspectiva histórico-cultural como base teórica.

[20] Carla Amorim é mestre em Educação pela Universidade de Brasília.

aparentam constituir parte da base do pensamento musical humano no decorrer da vida" (2006: 296). Melo[21] (2017: 77), por sua vez, reforça a importância da afetividade, já que ela "é o fio condutor que entrelaça a impressionante capacidade do bebê de perceber a música e se permitir sensibilizar por ela". Para Ilari (2006) e Melo (2017), o bebê necessita experienciar interações afetivas significativas para fortalecer seus vínculos emocionais, uma vez que eles são estabelecidos a partir de experiências alegres e prazerosas resultantes de brincadeiras musicais, que promovem uma sensação de segurança e compreensão emocional.

Rodrigues Junior[22] (2015) considera que a relação entre música e afetividade nos primeiros anos de vida são fundamentais para o desenvolvimento dos bebês. Para o autor, a afetividade é determinante para o desenvolvimento cognitivo-musical, pois é por meio dela que os mesmos podem inaugurar suas interações sociais, constituindo-se, assim, a base para seu desenvolvimento. Rodrigues Junior ressalta ainda que a música é um agente que facilita tais interações intersubjetivas, ao promover o entrelaçamento entre a afetividade e a cognição, tornando, dessa forma, as relações mais complexas e propiciando novas maneiras de responder aos estímulos do meio que cercam os bebês. Segundo Stifft[23] (2008: 310), "o desenvolvimento musical do bebê está vinculado às suas relações interpessoais, na medida em que é nesse contexto que o desenvolvimento musical do bebê acontece". Desde os primeiros meses de vida, o bebê busca ativamente o outro, desejando relacionar-se interpessoalmente, sendo a família parte fundamental neste processo ao promover as experiências e vivências musicais, interagindo com eles. A autora ressalta que "as vivências dos dois primeiros anos de vida do bebê constituem apenas o início de um processo de desenvolvimento musical bastante longo e que se trata, portanto, de um período importante, mas não conclusivo" (STIFFT, 2008: 311).

Outrossim, Beyer, Ilari, Melo, Rodrigues Junior e Stiff salientam que a musicalização para bebês contribui para uma maior afetividade e para um melhor relacionamento entre o bebê e seus pais, responsáveis e/ou cuidadores.

Para Gordon (2008), o estímulo musical deve ser precoce, pois, antes dos dezoito meses, o bebê tende a escutar a música e a fala de forma mais atenta. Nessa fase, sua atenção focal e investigativa é mais aguçada. Após esse período, o autor ressalta que a escuta ficará em segundo plano, pois o bebê estará mais focado na aquisição da língua. Quanto ao desenvolvimento do potencial inato musical do bebê, o autor afirma que os primeiros responsáveis são os pais, por propiciarem ou não o contato com a música precocemente. O autor sugere que os pais cantem para seus filhos nessa primeira fase, pois a afetividade envolvida no canto resulta em relação interativa. Gordon ressalta que, nos primeiros meses de vida, as mães geralmente costumam cantar canções de ninar para seus bebês e que, nesse processo interativo, entre mãe/filho, é estabelecida, por meio da voz, dos gestos, das demonstrações de afeto, uma carga emocional intensa, favorecendo os vínculos positivos que, por sua vez, são primordiais para o desenvolvimento afetivo, psicológico e social dos bebês.

[21] Cecília Melo é mestra em Música, desenvolvendo pesquisa sobre aprendizagem musical na primeira infância e a educação especial, atuando principalmente nos seguintes temas: musicalização de bebês, aprendizagem musical, educação infantil, educação especial.

[22] André Rodrigues Júnior é mestre em Música. Atua como professor no curso de pedagogia da Faculdade de Suzano e desenvolve pesquisas nas áreas relacionadas à cultura da infância, saber sensível e educação estética.

[23] Kelly Stifft é doutora em Música. Professora titular no Colégio João XXIII. Tem experiência na área de Artes, com ênfase em educação musical, atuando principalmente nos seguintes temas: educação musical; bebê; desenvolvimento e educação infantil.

Conceito de música e musicalização

Tomemos como ponto de partida a definição de musicalização como "ato ou processo de musicalizar" e a definição de musicalizar(-se) como "tornar(-se) sensível à música, de modo que, internamente, a pessoa reaja, mova-se com ela" (GAINZA[24], 1988 *apud* PENNA, 2015: 30). Portanto, nessa perspectiva, musicalizar é "desenvolver os instrumentos de percepção necessários para que o indivíduo possa ser sensível à música, apreendê-la, recebendo o material sonoro/musical como significativo" (PENNA[25], 2015: 33).

Segundo Gordon, é relevante que a criança compreenda a música, pois assim estabelecerá vínculos com os estilos e com os gêneros preponderantemente significativos para ela. Quanto à definição de música, o autor aponta que

> A música é única para os seres humanos e, como as outras artes, é tão básica como a linguagem para a existência e o desenvolvimento humanos. Através da música, as crianças aprendem a conhecer-se a si próprias, aos outros e à vida. E o que é mais importante: através da música, as crianças são mais capazes de desenvolver e sustentar a sua imaginação e criatividade ousada. Dado que não se passa um dia sem que, duma forma ou de outra, as crianças não ouçam ou participem em música, é lhes vantajoso que a compreendam. Apenas então poderão aprender a apreciar, ouvir e participar na música que acham ser boa, e é através dessa percepção que a vida ganha mais sentido (GORDON, 2008: 6).

De acordo com Brito[26] (2013), os bebês e as crianças interagem com o mundo dos sons que os envolve ainda antes do nascimento, e que a música, ainda que de maneiras diferentes, está presente em suas vidas. Portanto, "perceber, produzir e relacionar-se com e por meio de sons faz parte da história de vida de todos nós" (BRITO, 2003: 19). Quanto à definição de música, a autora apresenta:

> Música não **é** melodia, ritmo ou harmonia, ainda que esses elementos estejam muitos presentes na produção musical com a qual nos relacionamos cotidianamente. Música é **também** melodia, ritmo, harmonia, dentre outras possibilidades de organização do material sonoro. O que importa, efetivamente, é estarmos sempre próximos da ideia essencial à linguagem musical: a criação de formas sonoras com base em som e silêncio (BRITO, 2003: 26, grifos da autora).

[24] Violeta Gainza (1929), pedagoga musical argentina de trajetória internacional, foi presidente do Fórum Latino Americano de Educação Musical (Fladem) entre 1995 e 2005. Através de sua obra, mais de 40 títulos, tem abordado as temáticas da pedagogia da música, didática musical, musicoterapia etc.

[25] Maura Penna é professora do Departamento de Educação Musical da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), atuando na Licenciatura em Música e no Programa de Pós-Graduação em Música. Coordena o grupo de pesquisa Música, Cultura e Educação. Desenvolve pesquisa nas seguintes temáticas: educação musical, ensino de arte, parâmetros curriculares nacionais, prática pedagógica em arte e música, pesquisa em educação musical, além de manifestações culturais e artísticas na contemporaneidade.

[26] Maria Teresa Alencar de Brito é professora e pesquisadora do Departamento de Música da Escola de Comunicação e Artes da USP, desenvolve pesquisas nas áreas de Música e Educação, atuando principalmente com os seguintes temas: música, educação musical, criação, crianças e educação infantil.

De acordo com Trevarthen e Gratier[27] (2019: 87), a música "é uma das artes que conta a nossa história, e a voz é o mais precoce e o mais variado veículo". Partindo dessa premissa, cantar, falar e se expressar são fenômenos musicais e culturais que devem ser uma constante na vida dos infantes, pois, quando o adulto conversa ou canta para o bebê, sua voz exprime ação e descoberta e é através dela que ele aprende a compartilhar suas emoções, seus desejos e ideias. Segundo o autor, o bebê recém-nascido demonstra preferência por melodias de discurso, músicas e cantigas com voz mais aguda, ressaltando que não é o tom de voz que interessa, e sim como percebe as emoções nela contida. Já o bebê, por volta de seis meses, entende os parâmetros musicais, demonstrando preferência pelas produções vocais de sua mãe, reconhecendo também canções favoritas desde as primeiras palavras. Por fim, vale ressaltar que esses cânticos podem modular o nível da interação do bebê e de seu estado emocional, mesmo na mais tenra idade.

Para Mião[28] (2016), a musicalização em bebês estimula a sensibilidade, a capacidade de se expressar, bem como a conquista de habilidades essenciais para o fazer musical, assumindo um caráter lúdico, mediante atividades que permitem aos envolvidos ouvir músicas e timbres diversos, dançar e interagir, explorando variadas fontes sonoras. Segundo o autor, os bebês de até dois anos de idade são capazes de identificar diferenças sonoras, escolhendo as que mais lhes atraem, ressaltando que suas manifestações sonoras também são vistas como "uma ação mental de pensamentos dos elementos que podem ser sonoros ou não, pois, nessa faixa etária, pensar é inerente ao fazer" (MIÃO, 2016: 52). Tais manifestações foram chamadas pelo autor de agrupamentos, que, mesmo sendo equivalentes, apontam para uma diferente organização interna entre adultos e crianças, pois os bebês realizam ações sequenciais e concomitantes, estimuladas pelos elementos musicais.

Em suas pesquisas, Ilari (2002) entende que a música é inerente ao desenvolvimento da criança nos âmbitos afetivo, social e cognitivo, fazendo-se presente mesmo antes de seu nascimento. A música exerce importante papel na rotina e no desenvolvimento dos bebês, sendo que "bebês não estão cognitivamente limitados a um certo tipo de música, sendo capazes de perceber, discriminar e até mesmo armazenar elementos musicais complexos na memória" (ILARI, 2006: 296). A autora afirma que a "musicalização para bebês é bastante importante no que diz respeito à sensibilização das crianças em relação à música". Aduz ainda que a musicalização "também tem grande importância na educação musical ou na reeducação musical de seus pais" (FILIPAK; ILARI, 2008: 99).

Para Stifft e Beyer (2003), a musicalização contribui para um melhor relacionamento entre o bebê e seus pais, responsáveis e/ou cuidadores, desenvolvendo o apego, reforçando os vínculos afetivos, contribuindo assim com seu desenvolvimento musical. Quanto à definição de apego,

[27] Maya Gratier é professora de psicologia do desenvolvimento na Universidade Paris Ouest Nanterre La Défense e membra do Laboratório de Etologia, Cognição, Desenvolvimento. Criou e dirige o Babylab Nanterre, que tem como objetivo realizar estudos empíricos, experimentais e observacionais relacionados às experiências dos bebês em seus ambientes naturais.

[28] Cícero Mião é doutorando em Música com ênfase em educação musical pela Unesp Júlio de Mesquita Filho, mestre em Psicologia pela Universidade Federal de São João del-Rei. Desenvolve oficinas de musicalização para bebês na educação infantil e compõe o corpo docente do curso de Pedagogia da Libertas Faculdades Integradas em São Sebastião do Paraíso (MG).

> […] pode ser definido como um relacionamento ímpar entre duas pessoas, específico e duradouro ao longo do tempo. Embora seja difícil definir este relacionamento duradouro, operacionalmente temos usado como indicadores deste apego os comportamentos de apego, tais como: acariciar, beijar, aconchegar, prolongadas trocas de olhar […]. O apego é crucial para a sobrevivência e desenvolvimento do bebê. O vínculo dos pais com seus filhos deve ser o mais forte de todos os laços humanos (KLAUS; KENNEL, 1992 *apud* STIFFT; BEYER, 2003: 95).

Para Raniro[29] (2008), as aulas de musicalização para bebês devem propiciar situações de interação e proximidade entre o bebê e o adulto, onde se possa preponderar momentos especiais de compartilhamento de atitudes repletas de amor e carinho. A troca de olhares, o calor humano, a compreensão mútua, o cuidado, a atenção e a afetividade destas relações transmitem ao bebê segurança, acolhimento e proteção. Este contato humano, visual e corporal durante as aulas contribui para a sensibilização de todos os envolvidos. A autora destaca ainda que "as experiências afetivas nos primeiros anos de vida são determinantes para que a pessoa estabeleça padrões de conduta e formas de lidar com as próprias emoções" (RANIRO, 2008: 14).

O desenvolvimento cognitivo musical dos bebês depende das particularidades de cada um, das experiências vivenciadas por eles, bem como das relações com o meio que os cercam. Para Mariano[30] (2015: 48), a música é "essência na vida cotidiana das pessoas, enquanto forma de expressão e comunicação" e detém importante função social nos anos iniciais dos bebês, pois, ao possibilitar o encontro com o outro, favorece a expressão das emoções e a comunicação, mesmo para os que ainda não se comunicam verbalmente, enriquecendo dessa forma a interação humana.

Para Santos[31] (2013: 105), a musicalidade é uma "dimensão expressiva da música – a dimensão pragmática – que possibilita a riqueza e a profundidade da relação adulto/bebê, sem a necessidade da palavra falada". Ela é razão pela qual essa forma de comunicação, ao mesmo tempo em que estimula e amplia o repertório de expressões faciais, gestuais, sonoras e corporais no bebê, também promove e impulsiona o seu desenvolvimento interativo com o mundo à sua volta. No que tange à importância da musicalização, Parizzi[32] (2006) ressalta que a criança até os seis anos desenvolve-se musicalmente de forma intuitiva e espontânea, através de experiências afetivas, sensoriais, estímulos e interações com seu ambiente sociocultural. A autora infere que

> […] a educação musical nesse período de vida deve procurar enfatizar a estimulação da criança através de experiências musicais plenas e prazerosas, capazes de motivá-la a levar adiante seu entusiasmo e alegria com relação à

[29] Juliane Raniro é doutora em Educação. Atua nas áreas de Educação, Artes e formação de professores, desenvolvendo pesquisas nos seguintes temas: prática e ensino em educação, estágio, educação musical para bebês e crianças, relações afetivas e teatro na escola.

[30] Fabiana Mariano é doutora em Educação na área de psicologia da educação pela Universidade de São Paulo. Desenvolve pesquisa nas áreas de musicoterapia, musicalização infantil e formação de professores.

[31] Marcy Santos é mestra em Música pela Escola de Música da Universidade Federal de Minas Gerais. Tem experiência na área de Artes, com ênfase em Artes, atuando principalmente nos seguintes temas: musicalidade comunicativa, bebê, adulto, parentalidade intuitiva e desenvolvimento cognitivo-musical.

[32] Maria Betânia Parizzi é professora da Escola de Música da Universidade Federal de Minas Gerais e desenvolve pesquisas sobre música e cognição com ênfase no desenvolvimento musical nos primeiros anos de vida.

> música. […] A criança precisa não apenas de um educador musical sensível e competente, como também de um ambiente sociocultural pleno de possibilidades, para dar continuidade ao seu desenvolvimento musical (PARIZZI, 2006: 47).

Finalizando a presente seção, Silva e Parizzi (2016) ressaltam a importância de mobilizar pais, responsáveis e cuidadores a oferecerem aos bebês, desde os primeiros meses de vida, uma educação musical que proporcione experiências ricas e diversificadas para que haja um desenvolvimento expressivo e musical do infante nesta etapa da vida.

A teoria do desenvolvimento musical

Queremos nesta seção dar destaque à Teoria do Desenvolvimento Musical. Destacam-se as concepções de desenvolvimento musical de François Delalande (1995) e de Edwin E. Gordon (2000, 2008). Esses autores têm suas considerações fundamentadas na Teoria do Desenvolvimento Cognitivo de Jean Piaget (1982). Juntam-se a eles outros autores, como Esther Beyer (1988, 2001, 2003) e Beatriz Ilari (2002, 2003, 2006).

Antes de realizarmos uma exposição sobre a Teoria do Desenvolvimento Musical, faremos uma breve exposição sobre o pensamento piagetiano. Para Jean Piaget (1982), o desenvolvimento cognitivo é decorrente das dinâmicas trocas entre a criança, o meio e o conhecimento. Esse conhecimento, à medida que a criança interage com o ambiente, é gradualmente adquirido, evoluindo de simples operações mentais para outras mais complexas. Ele se preocupa com os mecanismos de aquisição e desenvolvimento do conhecimento humano. Para ele, é a criança que constrói seu conhecimento, ressaltando a importância das interações sociais realizadas por ela, pois é em função dessas interações que a inteligência humana se desenvolve. De acordo com o autor, desde o nascimento até o início da adolescência, o pensamento infantil passa por quatro estágios: sensório-motor (de 0 a 2 anos), pré-operatório (de 2 a 7 anos), operações concretas (de 7 a 11 ou 12 anos) e operações formais (de 11 ou 12 anos em diante). Esses estágios caracterizam típicas maneiras de pensar e agir de cada faixa etária.

O estágio sensório-motor, por sua vez, é dividido em seis fases. Segundo Piaget (1982), na fase 1 (do nascimento a 1 mês), o bebê conta apenas com seus atos reflexos e seus cinco sentidos, proporcionando a conexão inicial com seu ambiente. Na fase 2 (de 1 a 4 meses), o bebê apresenta reações circulares primárias, ou seja, executam ações sem intencionalidade, que, por gerarem nele alguma satisfação, são diversas vezes repetidas. Nessa etapa os bebês começam a prestar atenção nos sons. Na fase 3 (de 4 a 8 meses), o bebê apresenta reações circulares secundárias, ou seja, repete ações intencionalmente com o intuito de prolongar as experiências, centrando nos objetos, não mais no próprio corpo. Na fase 4 (de 8 a 12 meses), o bebê passa a coordenar os esquemas secundários, adaptando esquemas anteriormente adquiridos, dando sentido e aplicando-os a novas interações. Na fase 5 (de 12 a 18 meses), o bebê apresenta reações circulares terciárias, substituindo por novos comportamentos as ações repetitivas. Por meio da experimentação, testam ações ao invés de repetir movimentos. Por fim, na fase 6 (de 18 a 24 meses) ocorre o início do pensamento representativo, onde o bebê passa a pensar simbolicamente, pois sua noção de permanência dos objetos (capacidade para entender que o objeto continua a existir, mesmo não estando presente) já se encontra totalmente desenvolvida.

Dentro da teoria piagetiana, este texto se concentrou prioritariamente no estágio sensório-motor, ou seja, na fase anterior à linguagem, na qual o bebê passa a perceber a si próprio, bem como os objetos ao seu entorno, administrando seus reflexos básicos para gerarem ações prazerosas. As experiências sensoriais, motoras e corporais fundamentam as atividades mentais do bebê, e é a inteligência prática que caracteriza esse período, ou seja, o bebê aprende sobre si e sobre o mundo por meio de suas próprias percepções. Essa fase é de suma importância para o desenvolvimento musical, visto que as estruturas mentais necessárias à aquisição futura da habilidade musical são nela formadas.

Segundo François Delalande (1995: 17), a "música é um jogo de crianças". Ao fazer tal afirmação, o autor expõe que, quando o indivíduo relaciona-se com objetos sonoros, um diálogo interno acontece. Esta relação é caracterizada como "jogo", quando as variações sonoras são determinadas pelas variações gestuais. Delalande classificou as condutas das crianças quanto à produção sonora em três tipos: exploração, expressão e construção. Os mesmos tipos foram relacionados às fases de jogos da criança propostas por Piaget (1999), que são: jogo sensório-motor, jogo simbólico e jogo de regras. Essas condutas musicais foram analisadas pelo autor

> […] como um caminho em direção à compreensão da gênese da atividade musical que, segundo ele, poderia estar presente no comportamento do bebê que tem à sua disposição alguns brinquedos e materiais sonoros. Assim sendo, ele traçou paralelos entre os primeiros gestos produtores de sons (com a voz, com o corpo ou em contato com materiais ou instrumentos musicais) e aqueles encontrados na performance do músico profissional (BRITO, 2013: 159).

Segundo Piaget, o jogo infantil pode ser alicerçado sobre o exercício, o símbolo e a regra; essas estruturas, por sua vez, possuem relações com estruturas do pensamento que são características do desenvolvimento de cada etapa. Nos estudos de Brito (2013) sobre a obra *A psicologia da criança*, de Piaget e Inhelder (1986),

> […] os jogos sensório-motores, de exercício, seriam próprios da fase na qual o essencial é a conquista da autonomia corporal; os jogos simbólicos corresponderiam a uma etapa em que o cérebro já está dotado de maior flexibilidade, valendo-se da capacidade de simbolizar, enquanto que os jogos de regras contariam com regras prescritas e determinadas, visando a fins específicos e movidos por um pensar enfaticamente intelectual (BRITO, 2013: 160).

De acordo com Delalande (1995), toda exploração e realização gestual das atividades musicais correspondem ao jogo sensório-motor. Já a relação simbólica estabelecida com os sons, o valor atribuído ao fato musical, bem como os sentimentos e sensações provocados pela música no que tange à escuta, execução e criação, corresponde ao jogo simbólico. Ao jogo de regras, corresponde a estruturação musical, com seus aspectos relacionados à forma, idiomas inclusos, dentre outros. Esses níveis são espontâneos nos bebês e nas crianças, mas precisam ser estimulados pelos adultos para que se desenvolvam.

O autor ressalta a importância de estimular a descoberta de novas possibilidades sonoras a partir da apreciação, da exploração e da manipulação de objetos, pois a primeira experiência musical do bebê é corporal. É por meio de experiências e reações sensório-motoras que ele

constrói seu conhecimento acerca do mundo que o rodeia. Nesse sentido, os adultos devem ficar atentos à forma como os bebês exploram os objetos, acompanhando suas produções sonoras, bem como a evolução de seus movimentos, desafiando-os a obter diferentes sons com o mesmo material.

Segundo Delalande (1999: 2), quando ocorre "repetição de um gesto sensivelmente idêntico num mesmo corpo sonoro", a ideia musical oriunda da descoberta sonora provocada pela exploração advinda desta repetição é um ponto relevante, visto que as pequenas variações indicam a sobreposição da importância desta descoberta sonora sobre o objeto material. De acordo com Brito,

> […] se o bebê "descobre" o gesto produtor de sons por acaso, é por meio de repetições intencionais, "pesquisadoras", que ele reelabora sua experiência e conquista outras possibilidades. […] A repetição conduz as experiências para planos mais elaborados, sendo uma das formas de estabilização das condutas de produção sonora (e não só delas!). Ocorre, no entanto, que repetir um gesto quase idêntico num corpo sonoro provoca variações, posto que a conexão gesto/escuta transforma a percepção e também o produto sonoro, que, pela intenção de escutar/produzir, ganha qualidade e se reelabora (BRITO, 2013: 160).

Para Delalande, a capacidade de escutar é essencial para o desenvolvimento musical. O adulto pode estimular e motivar essa escuta propiciando momentos de exploração da sonoridade do próprio corpo e de objetos para que exercitem e executem diversas vezes, bem como apresentando repertório musical para que possam apreciar conforme sua etapa de desenvolvimento.

De acordo com o autor, "não se ensina as crianças a jogar", pois aos adultos cabe o papel de observador, que reúne condições (instrumentos, disposição, lugares) para favorecer os comportamentos de jogo com o som, propiciando dispositivos para suscitar as atividades de exploração (DELALANDE, 1999: 5).

Outro importante teórico é o pesquisador do campo da psicologia da educação musical Edwin Gordon. Em sua Teoria da Aprendizagem Musical (*Music Learning Theory*), afirma que a oportunidade de aprendizagem musical deve ser oferecida desde o nascimento, pois, segundo ele, "nosso potencial para aprender música nunca é tão elevado como no momento em que se nasce, e […] a partir daí diminui gradualmente" (GORDON, 2008: 5).

Os estímulos recebidos na primeira infância e aquilo que se aprende com tais estímulos constituem a base do aprendizado musical posterior do indivíduo. Quando isso não acontece, o desenvolvimento musical fica prejudicado.

> Não é possível corrigir a perda de oportunidades que uma criança poderá sofrer durante o período em que os alicerces da aprendizagem se estão a estabelecer […]. Aquilo que uma criança não desenvolveu nas primeiras fases da vida não pode ser desenvolvido mais tarde com o mesmo alcance que poderia ter sido atingido se tivesse ocorrido mais cedo (GORDON, 2008: 6).

Gordon, como já dissemos, acredita que, quanto mais cedo os pais, cuidadores e professores oportunizarem experiências musicais diversificadas ao bebê, melhor aproveitamento ele terá em sua educação musical futura. O autor ressalta a importância da variedade e riqueza desse repertório musical ouvido pelo bebê.

Sobre esse aspecto, interessa este ensinamento de Gardner[33]: "De todos os talentos com que os indivíduos podem ser dotados, nenhum surge mais cedo do que o talento musical" (GARDNER, 1994: 78). O autor acredita que já nascemos predispostos para processar os sons musicais, e essa habilidade pode ser desenvolvida em variados graus, conforme a intensidade com que a estimulação musical acontece.

Gordon (2000) teoriza os processos de aprendizagem musical centrados no conceito de "audiação", descrita como a capacidade de ouvir e compreender música, ainda que desprovida de seu espectro físico. Quanto à definição de audiação, o autor apresenta-a da seguinte forma:

> Audiação é para a música o que o pensamento é para a linguagem. Audiar enquanto você está executando música é como pensar enquanto você está falando, e audiar enquanto ouve música é como pensar sobre algo que as pessoas disseram ou estão dizendo enquanto você está escutando elas falarem. Apesar da música e linguagem serem diferentes, o processo de audiarmos ao mesmo tempo em que ouvimos música é como o processo de pensar enquanto escutamos a linguagem. Linguagem é diferente de pensamento, assim como música é diferente de audiação (GORDON, 2003 *apud* FREDERICK, 2008: 17).

Para o autor, a criança geralmente alcança essa habilidade aos seis anos. Para tanto, necessita receber orientação informal desde cedo, podendo ser estruturada (planejada pelo adulto) ou não estruturada (sem planejamento prévio). A esse período inicial, de zero a seis anos, é dado o nome de "audiação preparatória", onde os bebês devem ser estimulados a absorverem a música da cultura na qual estão inseridos, desenvolvendo suas capacidades musicais.

A audiação preparatória é dividida em três tipos: aculturação (0 a 2-4 anos), imitação (2-4 a 3-5 anos) e assimilação (3-5 a 4-6 anos). A aculturação é subdividida em absorção, resposta aleatória e resposta intencional, momento em que as crianças absorvem os sons da cultura musical da qual fazem parte. Já a imitação é subdividida em abandono do egocentrismo e decifragem do código, fase em que as crianças imitam os sons que os adultos produzem. Por fim, a assimilação é subdividida em introspecção e coordenação, onde as crianças aprendem a coordenar a respiração e o canto com seus movimentos. Esses estágios, por sua vez, são sequenciais, dependentes e cumulativos, onde um nível vai alicerçando o outro, isto é, "para a criança atingir satisfatoriamente a assimilação, ela deve ter passado pela imitação, e esta, para ser proveitosa, dependerá da maneira como a criança passou pela aculturação" (FREDERICK, 2008: 31).

Trataremos aqui somente do tipo aculturação e seus estágios, visto que o presente artigo compreende o desenvolvimento dos bebês de zero a dois anos.

[33] Howard Gardner (1943) é um psicólogo norte-americano com estudos em cognição e educação vinculado à Universidade de Harvard e à Universidade de Boston. É conhecido pelo desenvolvimento da teoria das inteligências múltiplas.

Na aculturação, os bebês participam com pouca consciência do meio no qual estão inseridos, devendo ser expostos à música para que desenvolvam suas próprias teorias inconscientes, organizando e atribuindo sentido aos sons escutados. A atenção do bebê não é contínua nessa fase; entretanto, o adulto não deve desistir de cantar e estimular musicalmente o bebê, pois normalmente estão atentos, embora não demonstrem evidências disto. O objetivo dessa fase é "a exposição à música, não a execução dela" (FREDERICK, 2008: 32).

A "absorção" é o primeiro estágio da aculturação, abrange os bebês de zero a aproximadamente um ano, onde, conscientes ou não, ouvem, absorvem, recebem e colecionam estímulos musicais, sem qualquer devolutiva. A "resposta aleatória" consiste no segundo estágio e tem início aos doze meses, quando os bebês começam a balbuciar, movimentando-se de forma não coordenada com o ambiente. Esses sons e movimentos não devem ser compreendidos como imitações ou respostas conscientes aos estímulos recebidos. A sensibilidade ao movimento é uma característica dessa fase, devendo ser estimulada. Nos dois primeiros estágios, não se deve cantar **com** o bebê, e sim **para** o bebê. A "resposta intencional" é o terceiro estágio e acontece aproximadamente dos dezoito aos 36 meses, quando os bebês procuram responder aos estímulos musicais propostos pelos adultos, apresentando algum grau de consciência, tentando estabelecer relações por meio dos balbucios e movimentos, embora ainda não apresentando movimentação corporal coordenada (GORDON, 2003 *apud* FREDERICK, 2008).

Gordon enfatiza que as aptidões e a maturação musical, bem como os estímulos recebidos, determinam o tempo em que o bebê vai passar por cada tipo e estágio da audiação preparatória. O autor considera que, se o bebê não for submetido a essa audiação, seu desenvolvimento musical será prejudicado. Segundo ele,

> […] na aculturação crianças pequenas são expostas à música de sua cultura, e assim elas são capazes de basear os sons de seu balbucio musical e seus movimentos nos sons musicais que elas escutam em seu ambiente. Quanto mais variada a música que as crianças ouvem, isto é, quanto mais rico seu ambiente é em tonalidades, harmonias e métricas, e quanto mais elas são encorajadas a interagirem com o que elas ouvem através da orientação musical informal, mais elas irão se beneficiar (GORDON, 2003 *apud* FREDERICK, 2008: 32).

Em seus estudos acerca da cognição e percepção musical nos meses iniciais de vida dos bebês, Ilari (2002) evidenciou que a aculturação é condição relevante no desenvolvimento musical, mesmo ciente da existência de capacidades cognitivas congênitas. Diante do exposto, destaca:

> É possível que, da mesma forma que os bebês nascem com a capacidade de ouvir uma vasta gama de fonemas, capacidade que se perde com a exposição à língua materna, os bebês cheguem ao mundo com uma capacidade análoga de ouvir notas musicais, capacidade que também pode se perder com a exposição à música de sua própria cultura (ILARI, 2002: 85-86).

Em suma, destacamos a importância do meio ambiente cultural no desenvolvimento do potencial musical inato e intrínseco do bebê; dito de outra forma, nada mais é que o processo de aprendizagem resultante da combinação do potencial inato, do seu contexto cultural e dos estímulos ambientais recebidos.

Estimulação e desenvolvimento musical em bebês de zero a dois anos

Um tópico importante dentro das pesquisas sobre o tema é estudar a estimulação e o desenvolvimento musical dos bebês. Partimos, então, dos teóricos e dos conceitos introdutórios a seguir explicitados.

Segundo Ilari (2003), devemos partir da premissa de que cada criança possui um cérebro diferente, bem como um perfil mental único; seu desenvolvimento advém de processos complexos e depende da combinação de vários fatores. Embasada pelos estudos de Kotulak[34] (1997), a autora aduz que,

> Logo após o nascimento, o cérebro do bebê passa por um crescimento fantástico […]. O cérebro do bebê é faminto de novas experiências que o transformarão em redes neurais para a linguagem, o raciocínio lógico, o pensamento racional, a resolução de problemas e os valores morais. Essas redes neurais já estão sendo formadas antes mesmo de o bebê completar um ano de idade. São elas que permitem a associação de ideias e o desenvolvimento de pensamentos abstratos, que constituem as bases da inteligência, imaginação e criatividade. Contudo, essas redes podem ser destruídas quando as experiências na infância são destituídas de estimulação mental ou sobrecarregadas de estresse (ILARI, 2003: 8).

De acordo com Jaber[35] (2013), o cérebro do bebê detém um enorme potencial de desenvolvimento, pois processa as informações recebidas gerando diversas redes de conexões, incorporando-as à sua própria estrutura cerebral. Os estímulos sonoros e a música ativam várias regiões cerebrais, influenciando o desenvolvimento do cérebro humano. Para torná-lo mais maleável e flexível, é importante estimular os bebês a ouvirem e a sentirem a música, bem como pensarem e agirem sobre a mesma. Outrossim, "a música não é apenas um simples estímulo processado pelo cérebro humano, ela é capaz de modificar a estrutura cerebral de um indivíduo" (JABER, 2013: 47). Sobre a definição de desenvolvimento musical, tem-se:

> Por um lado, podemos pensar no desenvolvimento musical como as mudanças que ocorrem no fazer musical dos bebês, crianças e adolescentes, de maneira mais ou menos espontânea, isto é, pela exposição cotidiana aos sons e à música da cultura da qual fazem parte. Por outro, podemos pensar em desenvolvimento musical como as mudanças que ocorrem no fazer musical em virtude da educação musical formal que as crianças recebem por meio de aulas de música em escolas e conservatórios. Também podemos pensar em desenvolvimento musical tendo por base o aprimoramento de habilidades em atividades específicas da área de música como cantar, tocar, o compor uma canção dentro da estética de um gênero ou cultura em particular (ILARI, 2009 *apud* SILVA; PARIZZI, 2016: s.p).

[34] Ronald Kotulak (1935) é um escritor norte-americano. Foi presidente da National Association of Science Writers (1972-1973). Em 1994 recebeu o prêmio Pulitzer na categoria Jornalismo Exploratório pelos artigos "Research Unraveling Mysteries of the Brain" e "Lost Lives and the Roots of Violence". É autor do livro *Inside the Brain*.

[35] Maíra Jaber é mestra em Música pela Escola de Música da Universidade Federal do Rio de Janeiro. É cantora, compositora, produtora musical e regente de conjuntos vocais.

Soares (2007: 34), partindo dos estudos de Robert Zatorre[36] sobre a relação música e cérebro, elucida que "a estimulação sonora envolve complexas funções neuropsicológicas, ativando o cérebro de forma significativa", e que, nos anos iniciais da vida, a maleabilidade cerebral é substancialmente superior à dos demais anos do espaço temporal vital humano, com ênfase especial aos seus efeitos referentes ao raciocínio lógico matemático.

Complementa a autora, apresentando o entendimento do neuropediatra da Universidade de São Paulo, Mauro Muszkat[37], que "os desafios a que uma criança é submetida são responsáveis pela construção das sinapses nervosas, que ativam o cérebro"; assim, "essa ativação cortical favorece o raciocínio lógico e a memória, potencializando a aprendizagem cognitiva" (SOARES, 2007: 34).

Quanto ao aspecto social, a autora afirma que a música aparece de maneira favorável e que a participação do adulto pode interferir significativamente nas vivências sociais com a música, conforme apresenta no fragmento abaixo:

> Brincar de roda, cantar em grupo, tocar um instrumento e depois ouvir o outro tocar são atividades aparentemente simples que podem levar a criança à percepção dela mesma e à construção do seu "eu". Ela se percebe como ser existente, mediante a interação com o outro. As relações interpessoais conduzem à percepção e à aceitação do outro, incentivam a ação de colaborar e a participação coletiva, demonstrando notoriamente a socialização pela música (SOARES, 2007: 37).

Para a autora, a música incentiva o bebê a uma escuta musical, e este contato acaba desencadeando reações vocais, motoras, corporais, provocando mudanças na sua ação, propiciando descobertas e aprendizagens rumo à musicalidade.

Posteriormente, conforme depreendemos na análise de Soares (2007), sobre os estudos de Sandra Trehub[38], a autora ressalta que as pesquisas com infantes, mais precisamente os bebês de até dois anos, podem exercer preferências musicais motivadas pelo seu ambiente musical originário, permanecendo calmos ao ouvirem músicas tranquilas, da mesma forma que podem ficar mais agitados ao ouvirem músicas mais aceleradas. Os efeitos físicos ocasionados pela ação direta da música, tais como agitação, tranquilidade, vivência de sensações dolorosas ou prazerosas, fazer rir ou chorar, aceleração de batimentos cardíacos, já eram percebidos intuitivamente pela observação dos efeitos dos ritmos musicais no estado de atenção dos bebês, mesmo antes da ciência debruçar-se sobre o tema. De acordo com Melo (2017), as experiências de escuta musical devem ser prazerosas para os bebês, pois é por meio da música que eles assimilam sentimentos de afeto e se posicionam no seu meio social como sujeitos, visto que essas relações afetivas são primordiais para seu desenvolvimento. No tocante ao bebê com deficiência, a autora enfatiza que

[36] Robert Zatorre é um pesquisador argentino, cofundador do laboratório de pesquisa Brain, Music and Soud (BRAMS), no Canadá. É uma referência acerca de como o cérebro humano processa a música e produz emoções.

[37] Mauro Muszkat é médico neurologista na Universidade Federal de São Paulo (Unifesp) e desenvolve pesquisas nos seguintes temas: transtornos do neurodesenvolvimento, TDAH, dislexia, neuropsicologia, neurologia da infância, epilepsia, neurofisiologia, funções musicais.

[38] Sandra Trehub é uma psicóloga canadense vinculada ao Departamento de Psicologia da Universidade de Toronto, que estuda como a música afeta os bebês e as crianças.

o mesmo também demanda oportunidades para vivenciar experiências sociais e afetivas, bem como explorar o ambiente que o cerca, para que possa avançar em sua trajetória. Destaca ainda que "o ambiente descontraído da prática musical e o caráter afetivo das interações mediadas pela música têm grande potencial de promover o desenvolvimento da criança com deficiência" (MELO, 2017: 77).

Os estudos de Beyer (1988) reforçam a ideia de que o estágio sensório-motor constitui a base sobre a qual o bebê construirá seu conhecimento musical. Sobre o estudo do desenvolvimento musical em bebês, esclarece que

> O trabalho com eles de forma parcialmente aberta, dando-lhes espaço para interagir com o objeto musical à sua maneira (dançando, sorrindo, agarrando, engatinhando) poderá abrir-lhes uma porta para que sejam indivíduos não só em busca de salas de concerto e audições para serem bons ouvintes, à moda convencional, mas também buscando modos concretos de realizar uma audição ativa e participativa, desfazendo-se aí, gradativamente, o espaço fechado para o compositor (como produtor) e ao ouvinte (como receptor) (BEYER, 2001: 620).

As intencionalidades das experiências musicais proporcionadas às crianças por seus pais, responsáveis e/ou cuidadores são de extrema importância para a construção do conhecimento musical. Como destaca Jaber (2013: 104), "a estimulação musical dos bebês não deve ser considerada uma atividade dispensável na primeira infância, mas precisa ser vista como um alicerce fundamental para o desenvolvimento da sua inteligência musical". Mariano (2015: 67) pondera que, "quanto mais musical for o ambiente oferecido ao bebê, tanto maior será o seu contato com a música, e mais familiarizado ele estará com as estruturas musicais", ressaltando o quão importante é a atuação familiar nos anos iniciais do bebê, neste processo de aculturação musical. Lembrando que expor os bebês somente a estímulos musicais oriundos de programas ou CDs indicados ao público infantil não confere garantia de desenvolvimento musical. Para que tal objetivo seja alcançado, os bebês necessitam de oportunidades afetivas, lúdicas e prazerosas para interagir e vivenciar expressivamente a música, visto que os estímulos sonoros musicais empobrecidos da mídia não garantem o desenvolvimento musical.

Mariano (2015) reconhece que, em nosso atual cenário, "as pessoas perderam o hábito de cantar para seus filhos, de ouvirem música, de brincar com a música e, com isso, muitas habilidades deixam de ser desenvolvidas" (MARIANO, 2015: 62). Diante do exposto, Mariano cita Gordon, ao destacar

> que esta função de aculturação realizada por meio do ato de cantar para os bebês nos primeiros meses de vida que, primeiramente, deveria ser dos pais, ou dos primeiros cuidadores, como os avós, ou família externa, passa a ser, de certa forma, do profissional da educação musical […]. Diante desta responsabilidade constatada por Gordon, evidencia-se a seriedade com que a música deve estar presente nos contextos de Educação infantil (MARIANO, 2015: 63).

Segundo Darezzo[39] (2004), a música é um recurso profundo e habilidoso que cria oportunidades de troca e aprendizagens significativas ao promover atitudes de interação entre o bebê e o adulto que dele cuida; o cantar, por sua vez, propicia proximidade entre os mesmos. O bebê percebe muito precocemente as propriedades musicais, o que torna o cantar tanto um estímulo eficiente como uma linguagem familiar, que lhe transmite segurança. A autora ressalta ainda sobre a importância de oferecer ao bebê um universo sonoro diversificado, pois "saber que existem muitas notas, que as regiões e as tessituras são infinitas, dá à criança uma possibilidade maior de percepção e expressão no seu desenvolvimento, um repertório mais rico a ser explorado e conhecido" (DAREZZO, 2004: 27).

Por fim, é importante que a família e o educador do bebê sejam capazes de reconhecer as particularidades de cada criança, bem como os fatores que influenciarão ou que estão influenciando em seus aprendizados, lembrando que o desenvolvimento musical deve ser uma experiência prazerosa. De acordo com Ilari,

> […] os maiores efeitos da música são aqueles contidos nas experiências que ocorrem diariamente em todas as partes do mundo, quando crianças de diversas etnias, culturas e classes sociais cantam, dançam, criam e brincam com a música simplesmente porque é natural (e muito divertido) fazê-lo. São as experiências musicais de qualidade, realizadas dentro e fora da escola, que fomentam e garantem o desenvolvimento cognitivo musical das crianças (ILARI, 2005).

Investigações científicas acerca do tema, trazidas pelos autores acima referenciados, complementam o desenvolvimento da temática através da comprovação da enorme influência musical, no que tange ao favorecimento e potencialização do desenvolvimento infantil, possibilitando a construção de sua identidade social, bem como sua inserção comunitária.

Considerações finais

Por meio da análise dos estudos especializados acerca do tema, observamos que a música pode exercer importante influência no desenvolvimento infantil, especialmente na faixa etária de zero a dois anos, aqui intitulada como "bebês", que, para serem compreendidos, por ainda não se comunicarem verbalmente, dependem da atenção, da interpretação e da sensibilidade dos adultos que deles cuidam. Esse desenvolvimento integral do bebê poderá ser potencializado ou prejudicado em razão de características sócio-ambientais-culturais.

Apontamos, de acordo com a bibliografia exposta, a importância do seio familiar e escolar, não apenas no desenvolvimento musical do bebê, mas também nos aspectos de seu desenvolvimento cognitivo, afetivo e social, visto que a música, por sua natureza expressiva, se faz presente na vida do bebê antes e depois do nascimento, influenciando-o em todos os aspectos.

Desse modo, as primeiras pessoas que cuidam dos bebês devem, de forma consciente e não somente intuitiva, propiciar momentos significativos e prazerosos para que os bebês alcancem

[39] Margareth Darezzo é Arte educadora e Compositora. Mestre em Educação Especial pela Universidade Federal de São Carlos, especialista em Psicologia Infantil, com extensão universitária em Neuropsicologia: emoção e cognição; Aperfeiçoamento em neurociências; Linguagem e aprendizado. É autora dos livros: *Canteiro: músicas para brincar* e *Quem vem lá?*.

seu potencial máximo de desenvolvimento. Para tanto, a participação de profissionais especializados na área é de suma importância para a significativa e substancial obtenção de resultados, seja participando diretamente na educação dos bebês, seja orientando seus familiares, atuando em frentes distintas, porém complementares, visto que a qualidade musical que acrescentariam ao habitat da criança dificilmente seria encontrada, como podemos depreender na análise do fragmento abaixo:

> […] todos os seres humanos em menor ou maior grau são capazes de se expressarem musicalmente e, portanto, de alguma forma todos os educadores podem estimular musicalmente os seus educandos. É certo, por outro lado, que nem todos os educadores terão tido, eles próprios, vivências musicais de qualidade – ao contrário do que sucedeu, normalmente, na aquisição da sua língua materna, que receberam e passam facilmente à geração seguinte. É aqui que cabe o papel de alguém especializado – um duplo papel, aliás: centrado no bebê, mas também nos pais e educadores da criança (RODRIGUES, 2000: 37).

Ressaltamos que a Lei nº 11.769, de 18 de agosto de 2008 (BRASIL, 2008), que altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996 - Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) - (BRASIL, 1996), prevê a obrigatoriedade do ensino da música no componente curricular. Em substancial complementação legal trazida pela Lei nº 13.278, de 2 de maio de 2016 (BRASIL, 2016), a música foi incluída na redação do parágrafo 6º do Art. 26 da LDB como linguagem que constitui o componente curricular, prevendo prazo de cinco anos para a adequada e necessária formação dos professores para atuar na educação básica, reconhecendo assim sua importância no contexto educacional.

Assim, até 2021, em cada unidade educacional, deverá haver condições estruturais e professores devidamente capacitados para trabalhar não apenas com os alunos, mas também com seus familiares e demais professores, inclusive para proporcionar conteúdos inter e transdisciplinares, contribuindo sobremaneira para o desenvolvimento cultural, social e familiar – fator que nos parece ser ignorado pela carência de políticas públicas, seja em razão da ausência de profissionais da área, bem como da falta de formação em música para o professor generalista ou ainda pela falta de importância atribuída à educação musical nesse momento.

Esses atores, aprendendo a estimular os bebês com a música e, acima de tudo, a interagir musicalmente com eles, contribuirão para o fortalecimento do vínculo bebê-adulto. Respeitar as interações, criando condições para que os bebês possam perceber, criar, comunicar-se e expressar, deve ser uma constante nos momentos de sensibilização musical.

É necessário considerarmos a desinformação sobre a importância da música nos anos iniciais do bebê, tanto no âmbito da escola como no da família. Embora existam diversos estudos acadêmicos acerca do tema que abordamos aqui, analisando o papel e a importância da musicalização no desenvolvimento de bebês de zero a dois anos em aspectos antropológicos, sociológicos, educacionais, biológicos e psicológicos, a reverberação desses estudos é quase nula fora do ambiente acadêmico. Pouco dos resultados de pesquisa chega aos âmbitos familiares, educacionais e políticos, a ponto de provocar significativas alterações em seus padrões, atribuindo a importância devida ao tema.

Por fim, são necessárias novas reflexões acerca da importância das experiências musicais vivenciadas pelos bebês, uma vez que nessa fase, tão extraordinária de suas vidas, as suas vivências, experiências e descobertas, constituem o alicerce do que será construído e conquistado por eles no decorrer do seu desenvolvimento. A música é um instrumento valioso, e a musicalização uma forte aliada nesse processo mágico de criação, invenção e reinvenção do mundo no qual estão inseridos.

Referências

AMORIM, Carla Patrícia Carvalho de. *Batuca bebê*: a educação do gesto musical. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade de Brasília, Brasília, 2017.

BEYER, Esther Sulzbacher Wondracek. *A abordagem cognitiva em música*: uma crítica ao ensino da música, a partir da teoria de Piaget. 1988. 118 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – UFRGS, Porto Alegre, 1988.

BEYER, Esther Sulzbacher Wondracek. Interagindo com a música desde o berço: um estudo sobre o desenvolvimento musical em bebês de 0 a 24 meses. *In:* ENCONTRO ANUAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM MÚSICA, 13., 2001, Belo Horizonte. *Anais* […], v. II. Belo Horizonte: ANPPOM, UFMG, 2001. p. 617-620.

BEYER, Esther Sulzbacher Wondracek. A interação musical em bebês: algumas concepções. *Educação (UFSM): Revista do Centro de Educação*, v. 28, n. 2, p. 87-98, jul./dez. 2003.

BRASIL. *Lei nº 9.394*, de 20 de dezembro de 1996. Brasília: Ministério da Educação, 1996.

BRASIL. *Lei nº 11.769*, de 18 de agosto de 2008. Brasília: Ministério da Educação, 2008.

BRASIL. *Lei nº 13.278*, de 2 de maio de 2016. Brasília: Ministério da Educação, 2016.

BRITO, Teca Alencar de. *Música na educação infantil.* São Paulo: Peirópolis, 2003.

BRITO, Teca Alencar de. O fazer musical da infância sob o viés da hipótese dinamicista: Delalande e Thelen em diálogo. *In:* ENCONTRO REGIONAL NORDESTE DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE EDUCAÇÃO MUSICAL, 11., 2013, Fortaleza. *Anais* […]. Fortaleza: Abem, 2013. p. 156-162.

CARNEIRO, Aline; PARIZZI, Betânia. Parentalidade intuitiva e musicalidade comunicativa: conceitos fundantes da educação musical no primeiro ano de vida. *Revista da ABEM*, n. 25, 2011.

CORREA, Aruana Noal. *Bebês produzem música?* O brincar musical de bebês em berçário. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto alegre, 2013.

DAREZZO, M. *Impacto de um programa de ensino para cuidadoras em creche:* música como condição facilitadora de condutas humanas ao lidar com bebês. Dissertação (Mestrado em Educação) – Centro de Educação e Ciências Humanas, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2004.

DELALANDE, François. A criança do sonoro ao musical. *In:* ENCONTRO ANUAL DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE EDUCAÇÃO MUSICAL, 7., 1998, Recife. *Anais* […]. Trad. Bernadete Zagonel. Curitiba: Abem, 1999. p. 1-5.

DELALANDE, François. *La música es um juego de niños.* Buenos Aires: Ricordi, 1995.

FILIPAK, Renata; ILARI, Beatriz. Mães e bebês: vivência e linguagem musical. *Revista Música Hodie*, v. 5, n. 1, p. 85-100, fev. 2008.

FREDERICK, Alessandra. *O aprendizado musical em crianças entre zero e seis anos, segundo a Teoria da Aprendizagem Musical, de Edwin Gordon.* Monografia (Licenciatura em Música) – Instituto Villa Lobos, Centro de Letras e Artes, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2008.

GARDNER, Howard. *Estruturas da mente:* a teoria das inteligências múltiplas. Porto Alegre: Artmed, 1994.

GIL, Antonio Carlos. *Como elaborar projetos de Pesquisa.* 5. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

GORDON, Edwin. *Teoria da aprendizagem musical:* competências, conteúdos e padrões. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2000.

GORDON, Edwin. *Teoria da aprendizagem musical para recém-nascidos e crianças em idade pré-escolar.* Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2008.

ILARI, Beatriz. Bebês também entendem de música: a percepção e a cognição musical no primeiro ano de vida. *Revista da Associação Brasileira de Educação Musical*, v. 10, n. 7, p. 83-90, 2002.

ILARI, Beatriz. A música e o cérebro: algumas implicações do neurodesenvolvimento para a educação musical. *Revista da Associação Brasileira de Educação Musical*, v. 11, n. 9, p. 7-16, 2003.

ILARI, Beatriz. A música e o desenvolvimento da mente no início da vida: investigação, fatos e mitos. *Revista Eletrônica de Musicologia*, v. 9, out. 2005. Disponível em: http://www.rem.ufpr.br/_REM/REMv9-1/ilari.html. Acesso em: 8 out. 2019.

ILARI, Beatriz. Desenvolvimento cognitivo-musical no primeiro ano de vida. *In:* ILARI, B. S. (org.). *Em busca da mente musical*: ensaios sobre os processos cognitivos em música – da percepção à produção musical. Curitiba: UFPR, 2006. p. 271-302.

JABER, Maíra dos Santos. *O bebê e a música:* sobre a percepção e a estruturação do estímulo musical, do pré-natal ao segundo ano de vida pós-natal. Dissertação (Mestrado em Música) – Escola de Música, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2013.

KOTULAK, Ronald. *Inside the Brain*: Revolutionary Discoveries of How the Mind Works. Kansas City: Andrews McMeel Publishing, 1997.

MALLOCH, Stephen. Mothers and Infants and Communicative Musicality. *Musicae Scientiae*, Special Issue, p. 29-57, 1999/2000.

MARIANO, Fabiana Leite Rabello. *Música no berçário*: formação de professores e a Teoria da Aprendizagem Musical de Edwin Gordon. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015.

MARTINEZ, Andréia Pereira de Araújo. *Infâncias musicais:* o desenvolvimento da musicalidade dos bebês. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade de Brasília, Brasília, 2017.

MELO, Cecília Paulozzi de. *Possíveis contribuições da musicalização para bebês a crianças atendidas em programas de intervenção precoce.* Dissertação (Mestrado em Música) – Instituto de Artes, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2017.

MIÃO, Cícero Rodarte. *"O essencial é invisível aos olhos"*: análise de oficinas de musicalização enquanto possibilitadoras do desenvolvimento para bebês de 0 (zero) a 2 (dois) anos em situação

de acolhimento. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Universidade Federal de São João del-Rei, São João del-Rei, 2016.

PARIZZI, Maria Betânia. O canto espontâneo da criança de zero a seis anos: dos balbucios às canções transcendentes. *Revista da Abem,* v.14, n.15, p. 39-48, out. 2006.

PECKER, Paula Cavagni. *A prática percussiva de bebês*: análise microgenética e reflexões pedagógicas. Tese (Doutorado em Música) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2017.

PENNA, Maura. *Música(s) e seu ensino.* Porto Alegre: Sulina, 2015.

PIAGET, Jean. *O nascimento da inteligência na criança.* 4. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1982.

PIAGET, Jean. *Seis estudos de psicologia.* 24. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1999.

RANIRO, Juliane. *Compartilhando um ambiente musical:* processos educativos e relações afetivas entre pais e crianças de 8 a 24 meses. Dissertação (Mestrado em Educação) – Centro de Educação e Ciências Humanas, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2008.

RODRIGUES, Helena. Aspectos sobre desenvolvimento musical de recém-nascidos e crianças em idade pré-escolar segundo a perspectiva de Edwin Gordon. *Cadernos de Educação de Infância*, Lisboa, n. 53, p. 31-37, 2000.

RODRIGUES JÚNIOR, André José. *As relações entre a afetividade e o desenvolvimento cognitivo-musical nos dois primeiros anos de vida.* Dissertação (Mestrado em Música) – Escola de Música, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2015.

SANTOS, Marcy de Lima. *As características musicais da comunicação entre adulto e bebê e suas implicações no desenvolvimento cognitivo musical da criança no primeiro ano de vida.* Dissertação (Mestrado em Música) – Escola de Música, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2013.

SHIFRES, Flavio. La ejecución parental: los componentes performativos de las interaciones tempranas. *In:* ENCONTRO DA SACCOM, 6., 2007, La Plata. *Anais* […]. La Plata: Universidade de La Plata, 2007. p. 13-17.

SILVA, Dalila Caetano Werneck; PARIZZI, Maria Betânia. O desenvolvimento do bebê nos dois primeiros anos de vida: um estudo exploratório. *In:* CONGRESSO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM MÚSICA, 24., 2016, Belo Horizonte. *Anais* […]. Belo Horizonte, ago. 2016. Disponível em: https://www.anppom.com.br/congressos/index.php/26anppom/bh2016/paper/view/4358. Acesso em: 22 nov. 2019.

SOARES, Cíntia Vieira da Silva. *A música na Educação Infantil*: o movimento dos bebês em ambiente musical. Dissertação (Mestrado em Ciências Humanas) – Faculdade de Educação, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2007.

STAHLSCHMIDT, Ana Paula. *A canção do desejo:* da voz materna ao brincar com os sons: a função da música na estruturação psíquica do bebê e sua constituição como sujeito. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2002.

STIFFT, Kelly. *A construção do conhecimento musical no bebê:* um olhar a partir das suas relações interpessoais. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2008.

STIFFT, Kelly; BEYER, Esther. A relação mãe-filho no projeto "música para bebês": um estudo sobre possíveis interferências no desenvolvimento musical dos bebês. *Educação (UFSM)*, v. 28, n. 1, p. 93-100, nov. 2003.

TREVARTHEN, Colwyn. Learning About Ourselves from Children: Why a Growing Human Brain Needs Interesting Companions. *Research and Clinical Center for Child Development Annual Report*, v. 26, p. 9-44, Feb. 2004. Disponível em: https://eprints.lib.hokudai.ac.jp/dspace/bitstream/2115/25359/1/26_P9-44.pdf. Acesso em: 10 out. 2019.

TREVARTHEN, Colwyn. O bebê nosso professor, poeta e músico. *In:* TREVARTHEN, C.; AITKEN, K. J.; GRATIER, M. *O bebê:* nosso professor. 1. ed. São Paulo: Instituto Langage, 2019. p. 14-24.

TREVARTHEN, Colwyn; GRATIER, Maya. Voz e musicalidade: natureza, emoção e cultura. *In:* TREVARTHEN, C.; AITKEN, K. J.; GRATIER, M. *O bebê:* nosso professor. 1. ed. São Paulo: Instituto Langage, 2019. p. 82-94.

Fabiana de Freitas Angulo Vilarinho possui Licenciatura Plena em Pedagogia pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Catanduva IMES/FAFICA (2005). Especialista em Psicopedagogia Educacional pela Faculdade de Itápolis (Facita, 2008). Especialista em Educação Infantil com ênfase em artes e psicomotricidade pela Faculdade de Itápolis (Facita, 2010). Especialista em Arte-Educação pela Universidade Federal do Tocantins, campus Araguaína (2018). Foi professora educação básica I efetiva da Secretaria de Educação do Estado de São Paulo (2006-2007). Foi berçarista efetiva da Secretaria Municipal de Educação de Catanduva/SP (2009-2012). É professora efetiva da rede municipal de Araguaína/TO (2013-2019), atuando atualmente na Diretoria de Formação Continuada da Secretaria Municipal de Educação, Cultura, Esporte e Lazer de Araguaína/TO (Semed, 2014-2019). fabianafreitas@ymail.com

José Jarbas Ruas é Bacharel em Música pela Escola de Música da UFRJ (2010). Mestre em Música na linha de História e Documentação da música brasileira e ibero-americana pela UFRJ (2013). Possui Licenciatura em Música pela Faculdade AVM/Candido Mendes (2014). Atualmente está em processo de doutoramento em Música na Escola de Música da UFRJ. É professor na Universidade Federal do Tocantins no curso de Licenciatura em Educação do Campo: Artes Visuais e Música, campus Tocantinópolis. Entre 2018 e 2019 foi coordenador de curso na Licenciatura em Educação do Campo: Artes e Música. Entre 2016 e 2019 foi presidente do Núcleo Docente Estruturante do curso de Licenciatura em Educação do Campo, contribuindo para a reestruturação do projeto pedagógico de curso, bem como na reelaboração da matriz curricular vigente. Foi coordenador do grupo de tutoria em Linguagens: Música, do Programa de Apoio ao Discente Ingressante (PADI), no campus de Tocantinópolis entre 2017 e 2019. jjruas@uft.edu.br